**Glosas sobre a Igreja Católica na Serra Catarinense (Parte 5).**

**Sinais dos tempos diocesano: o rosto inculturado da Igreja na região de Lages**

*Vitor Hugo Mendes*[[1]](#footnote-1)

Nos anos de 1989/1990 – passados seis décadas de trajetória evangelizadora – a Diocese de Lages reuniu as condições para a elaboração do seu primeiro Plano de Pastoral (1991). Na mesma ocasião, deram-se também os passos que permitiram, ao longo de duas décadas, plasmar a *identidade eclesial* e o *perfil pastoral* da Igreja católica na região serrana.

Com simplicidade, mas com enorme ousadia, por ocasião do *Ano Mariano* – “Maria, Companheira de Caminhada” – em comemoração dos 60 anos da diocese, fez-se uma leitura interessada da história da região e da realidade social e eclesial naquele momento. A realização da *missão popular* animada pelos padres redentoristasem toda a diocese, permitiu interagir com todas as comunidades pela visitação, escuta, formação e celebração da fé. Os grupos de reflexão, de maneira particular, foram um lugar privilegiado de participação, memória, oração e estudo da caminhada pastoral diocesana.

Toda essa movimentação desencadeou um processo intenso e longo que envolveu profundamente todos os segmentos da diocese no levantamento de dados e análise da realidade. Abrindo-se aos *sinais dos tempos diocesano* e tendo por base a metodologia Ver-Julgar-Agir, buscou-se interatuar com os dados históricos da região, problematizar os elementos antropológicos da cultura serrana, sem deixar de considerar os seus desdobramentos no âmbito eclesial e nos regimes político e econômico.

Desde aí, como resposta pastoral, nascia o “novo modo de ser Igreja na Diocese de Lages”. Dando recepção à tradição de Medellin (1968) e Puebla (1979), a diocese fez sua a opção pelo “modelo da Igreja-dos-pobres”, tendo como referência as CEBs, “novo modo de ser da Igreja”, distinguida como “Igreja Ministerial”. Também fazia parte desta opção eclesial uma particular atenção, diálogo e apoio às “pastorais populares e os movimentos populares”.

Por conta de todos estes incrementos, como vem demonstrado no Plano Pastoral da época (1991-1994), pôs-se em movimento um processo eclesial que, cada vez mais, foi adquirindo fisionomia, conteúdo e grande adesão por parte dos agentes de pastoral, das lideranças e do Povo de Deus nas Comunidades. No itinerário descrito, primeiramente emerge “a região serrana: história e realidade” e o esboço inaugural da “história da Evangelização”, tratando de identificar os diferentes modelos de Igreja (Cabocla, Romana, Povo de Deus) implementados na serra catarinense.

Na sequência (1995-1999), já no segundo Plano de Pastoral, insurge nesta história o Povo Serrano, a Terra do Pinheiro Araucária (mais tarde acrescida do termo *Karú*, palavra indígena que significa terra, fartura...), os Grupos de Famílias e a primeira versão das “Diretrizes Pastorais”. Apresentadas como “orientações que garantem na prática, a realização do Plano Pastoral”, as Diretrizes “são muito mais que um conjunto de normas”, em realidade, elas “indicam caminhos, comportamentos, procedimentos, convicções e ações”, tendo a clareza de que “as leis devem estar a serviço da fraternidade e da vida”. Em anexo, aparece ainda uma outra inovação muito importante que detalha a “Concepção de Formação na Ação Pastoral da Diocese de Lages”.

No bojo de tudo isso, algo surpreendente, ensaia-se os rudimentos de uma *teologia/eclesiologia pastoral* “nativa” que se movimenta em delinear o *rosto inculturado da Igreja na Serra Catarinense*. No Plano de Pastoral (1995-1999), por exemplo, aparecem compiladas algumas quantas noções que, na prática, já vinham servindo de inspiração e impulso na dinamização da caminhada evangelizadora:

“Conhecemos os pinheiros [araucárias] e as pinhas. Das pinhas nós aprendemos a METODOLOGIA da construção da vida. Na pinha tudo está voltado ao miolo. O miolo une os pinhões. A construção da sociedade, sinal do Reino definitivo, é muito parecida com a pinha da Araucária, a arvore do Povo-livre. A sociedade sinal do Reino é feita dos pinhões e das falhas. Na sociedade que queremos construir, sociedade justa, fraterna e solidária, todos participam juntos na construção da vida em abundância, como os pinhões juntos formam as pinhas. Sem a participação de um só pinhão a pinha não consegue permanecer unida [...]. Na sociedade fraterna, que queremos juntos construir, todos participam com a mesma dignidade. Todos compartilham a mesma sabedoria, as lutas e a fé no Senhor da vida. Todos iguais ao redor do grande projeto: Jesus e o seu Reino ontem, hoje e sempre” (p. 18 e 19).

Estes muitos elementos coletados, refletidos e dispostos como Objetivo da Ação Evangelizadora (1995), na sua versão definitiva apresenta (2005), com notável lucidez e síntese, o percurso teológico-pastoral trilhado na construção de uma identidade diocesana *fonte* e não apenas *reflexo* (Lima Vaz): *Nós somos o Povo Serrano. Queremos nos evangelizar, animados pela Palavra e pela Eucaristia, em Grupos de Família-CEBs, participando na construção de uma Igreja e de uma Sociedade sem exclusões, justas, fraternas e solidárias; sinais do Reino Definitivo*.

Apesar de que, naquele contexto, por conta das muitas iniciativas e trabalhos diversos, tudo adquiria um caráter de novidade, o grande destaque do objetivo, indiscutivelmente original, está dado pelas proposições iniciais: “Nós somos o Povo Serrano. Queremos nos evangelizar...”. Quiçá por primeira vez – desconheço qualquer outra iniciativa do gênero no âmbito eclesial –, a formulação do objetivo da ação evangelizadora trouxe à luz um “sujeito coletivo” como protagonista imediato da ação eclesial/pastoral.

É algo realmente extraordinário, nada é feito “para”, tudo é feito “com”. Todos/as juntos como os pinhões juntos formam a pinha de pinhão. (Como parece evidente, trata-se de uma inspiração sinodal ainda com força suficiente para destronar o clericalismo reinante na Igreja). Além disso, o marco teológico é preciso, há um *contexto* e um *sujeito coletivo* efetivamente implicado no *jeito comunitário* de ser Igreja (CEBs). Trata-se, como se pratica na América Latina e Caribe, de uma contextualização da teologia que, interessada na *práxis da fé* (*teologia da práxis*), certifica uma eclesiologia de *comunhão e participação*.

Foi necessário Francisco, um latino-americano, ocupar o sólio de Pedro, para que elaborações teológicas desse tipo, transgressoras, pudessem realmente ter lugar na Igreja, sentido na pastoral e validação na teologia. A respeito disso, vale a pena lembrar o ensinamento ainda inaugural do Papa Francisco na *Evangelii gaudium* (n. 129): “não se deve pensar que o anúncio evangélico tenha de ser transmitido sempre com determinadas fórmulas pré-estabelecidas ou com palavras concretas que exprimam um conteúdo absolutamente invariável. Transmite-se [o Evangelho] com formas tão diversas que seria impossível descrevê-las ou catalogá-las, e cujo sujeito coletivo é o povo de Deus com seus gestos e sinais inumeráveis. [...] Enfim, o que se deve procurar é que a pregação do Evangelho, expressa com categorias próprias da cultura onde é anunciado, provoque uma nova síntese com essa cultura”.

Arrematando essa trajetória de encarnação da Igreja na Região Serrana, a Terra do Pinheiro-Araucária e sua gente cabocla, no encerramento do Ano Bíblico de 1997 – Tema: “Memória e Partilha de nossas comunidades; Lema: “A Palavra de Deus faz o sonho do povo Brilhar” –, foi celebrada a primeira *Festa das Tendas*. Por um lado, destaca-se a importância do mutirão intenso de formação bíblica, na perspectiva da leitura popular da Bíblia, realizado em toda a diocese. Por outro lado, iniciava-se a tradição bíblica de “armar tendas” na Igreja diocesana de Lages tendo em vista visibilizar, na provisoriedade e na gratuidade da vida, a “partilha do que somos, podemos, sabemos e temos”.

Com a Formação bíblica e a Festa das Tendas, resgatou-se um simbolismo potente bastante característico na região: a *colcha de retalhos*. A vida pastoral da diocese nutriu-se particularmente dessa relação profunda com a *Palavra de Deus* lida e rezada nos Grupos de Famílias, rejuntado retalhos de *fé e vida*. Desde então a colcha de retalhos tornou-se uma espécie de pedagogia bíblico-pastoral. “Fazer colchas é uma forma coletiva de contar histórias, de juntar os retalhos, pedacinhos que sobraram de vida e que podiam ser reaproveitados. Um jeito muito bonito de explicar como foi formada a Bíblia da mesma maneira” (M. Soave Buscemi). Com estas motivações, a sétima Festa da Tendas (2003), trouxe a novidade de confeccionar a cobertura da tenda paroquial de cada comunidade com uma enorme colcha de retalhos preparada e costurada em mutirão pelos Grupos de Famílias.

É interessante lembrar que, naqueles anos, até mesmo o bispo, D. Oneres Marchiori, sentiu a necessidade pessoal de aprofundar o estudo bíblico e, acompanhando um grupo de padres, matriculou-se na pós-graduação em Bíblia oferecido pelo ITEPA/Passo Fundo. D. Marchiori comentava com humor que foi recebido no curso com certa precaução, pois, inicialmente, soava incomum o interesse do bispo em estudar a Bíblia.

Naquele contexto, hermenêuticas bíblicas e teologias de libertação estavam sob forte suspeita no Brasil e na América Latina. Até mesmo o formidável Projeto “Tua Palavra é Vida” promovido pela Vida Consagrada, incentivando a *Leitura Orante da palavra de Deus*,sofreu censuras. Não obstante, sem qualquer outra pretensão, o bispo Marchiori, não só desfrutou a formação bíblica, mas, sobretudo, qualificou significativamente sua contribuição bíblico-pastoral nos trabalhos da Igreja diocesana. E, uma vez mais, a Diocese de Lages soube abrir caminhos de evangelização revigorados pela Palavra.

A Festa das Tendas, por sua vez, tornou-se um marco teológico-eclesiológico celebrativo muito importante na caminhada pastoral da diocese. Ela vem descrita como o “resgate da caminhada de libertação do Povo de Deus, do Egito à Terra Prometida, onde o Deus da vida morou em tendas como o seu povo” (H. Bitencourt); aparece “como síntese de mediações e como um evento que condensa e fotografa os GF-CEBs, enquanto uma totalidade abrangente” (G. A. Locks). A realização da Festa das Tendas significou assumir “o desafio de desarmar relações de exclusão”, na Igreja e na Sociedade, “pelas práticas do cuidado e da comensalidade” (J. R. Moreira).

Por isso, com a Festa das Tendas “a Diocese busca trazer presente sua identidade de povo serrano, a memória e a tradição de sua fé cristã, conservar o sonho de uma sociedade sem exclusões, justa, fraterna e solidária” (R. Pereira). Enfim, “além de celebrar a caminhada do Povo de Deus na diocese de Lages”, a Festa das Tendas, “tinha como objetivo explicitar uma opção eclesiológica: o jeito de ser Igreja CEBs, Comunidade Eclesial de Base”, cuja referência é a Trindade Santa, a melhor comunidade. Neste sentido, “a proposta de reinvenção da Igreja, compromisso das CEBs na diocese de Lages celebrado em cada edição da Festa das Tendas, é uma proposta de atualizar nesta pequena porção do Povo de Deus que vive na região serrana de Santa Catarina, o testemunho das primeiras comunidades cristãs” (J. R. Moreira).

Todos esses elementos inventariados compõem, muito brevemente, a trajetória daquilo que foi a composição do *rosto inculturado da Igreja na região serrana*. Foram praticamente duas décadas de muito empenho e dedicação. Uma geração inteira de padres e incontáveis lideranças se constituíram cristãos participando e contribuindo com a construção dessas opções eclesiológicas.

Sobretudo a quarta revisão das *Diretrizes e orientações da Ação Evangelizadora* (2005-2009) trouxe, de modo amadurecido e concreto, a síntese bem elaborada dos muitos processos pastorais que foram realizados na diocese tendo em vista promover uma *Igreja participativa, ministerial, celebrativa, missionária, ecumênica, sócio-transformadora*. No final desse período, D. Oneres Marchiori, finalizada sua missão, tornou-se bispo emérito de Lages (2009).

Antecipando-se, em muitos aspectos às certeiras contribuições do Papa Francisco, a *Igreja na serra catarinense* transitou de uma *Igreja reflexo* auma *Igreja fonte* assumindo o seu *rosto inculturado*, serrano. Optouser “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (*EG*, n. 49).

À luz dessas considerações, dispomos, sumariamente, de alguns elementos imprescindíveis da memória recente da Igreja na Serra Catarinense. Sem esses dados, qualquer tipo de balanço pastoral ou projeção de futuro eclesial seria apenas delírio inconsequente.

Por sua vez, com esses elementos históricos, teológico-pastorais e eclesiológicos diante dos olhos, torna-se ainda mais plausível observar que, a partir da primeira década do novo milênio, o “rosto” da Igreja Católica, na Serra Catarinense, vem se mostrando cada vez mais “pálido” e “difuso”. Muito embora, por vezes, tem-se a impressão de que, incapaz de discernir o joio do trigo, prospera uma “nova” romanização – bastante anacrônica para os tempos do Papa Francisco – determinada em sanitarizar ou mesmo suprimir os traços da *Igreja inculturada na Região Serrana*.

Não faz muito, no centenário da Catedral Diocesana (1922-2022), certamente por conta de um desapego simplório, houve a desaforada iniciativa de substituir a imagem histórica da Senhora do Prazeres, rosto cor de cuia, por uma nova imagem importada, requintada e branca.

1. Doutor em Educação (UFRGS), Doutor em Teologia (UPSA/Salamanca), Pós-doc. em Pensamento Ibérico e Latino-americano, Pós-doc. em Educação. Presbítero da Diocese de Lages – SC. Orientador de Retiros, conferencista, assessor e consultor em temas de Teologia, Pastoral, Espiritualidade, Educação e Psicopedagogia. Especialista em Pastoral Urbana. Autor da obra, em dois volumes, *Liberación, un balance histórico bajo el influjo de Aparecida y Laudato si’. El aporte latinoamericano de Francisco*, 2021, Editora APPRIS/AMERINDIA, que versa sobre a Teologia Latino-americana e o Magistério do Papa Francisco. [↑](#footnote-ref-1)